

BREVE INSTRUÇÃO CRISTÃ

PUBLICADA EM 1537

Por JOÃO CALVINO

PRIMEIRA PARTE

Do conhecimento de Deus e de nós mesmos

1. TODOS OS HOMENS VIVEM PARA CONHECER A DEUS

Nem sequer entre os bárbaros e completamente selvagens é possível encontrar um homem que careça de certo sentido religioso; e isso é devido a que todos nós temos sido criados para este fim: conhecer a Majestade de nosso Criador e, uma vez conhecida, tê-lo em grande estima por acima de tudo, e honrá-lo com todo temor, amor e reverência.

Deixando de lado os infiéis, que só tratam de apagar de sua memória este sentido de Deus, implantando em seus corações, nós, os que fazemos confissão de piedade, devemos ter presente que esta vida caduca e que pronto acabará, não deveria ser outra coisa senão uma meditação da imortalidade. Agora bem, em nenhuma parte podemos achar a vida eterna e imortal, se não for em Deus. portanto, o principal cuidado e preocupação de nossa vida deve consistir em buscar a Deus e aspirar a Ele com todo o afeto de nosso coração e encontrar o único repouso somente nEle.

2. DIFERENÇA ENTRE A VERDADEIRA E A FALSA RELIGIÃO

Ninguém desejará ser considerado como absolutamente indiferente à piedade e ao conhecimento de Deus, já que está demonstrado, por consentimento geral, que se levarmos uma vida sem religião, vivemos miseravelmente e não nos distinguimos em nada das bestas.

Mas existem maneiras muito diversas de manifestar a religião de cada um; pois a maioria dos homens não operam precisamente movidos pelo temor de Deus. E já que, gostem ou não, sentem-se como ofuscados por esta idéia que continuamente lhes vem à mente: "que existe alguma outra divindade cujo poder os mantêm em pé ou os faz cair"; impressionados, de um ou de outro modo, pelo pensamento

de um poder tão grande, lhe professam certa veneração por medo que se ire contra eles mesmos se o desprezam demasiado. Contudo, o viver fora de Sua lei e rejeitar toda honestidade, demonstram uma grande despreocupação, pois estão menosprezando o juízo de Deus. Do resto, como não concebem a Deus segundo sua infinita Majestade, senão segundo a louca e irrefletida vaidade de sua mente, de fato se afastam do verdadeiro Deus. Eis aqui o por quê, ainda quando realizem um esforço cuidadoso por servir a Deus, isso não lhes vale de nada, já que em vez de adorar o Deus eterno, adoram, em seu lugar, os sonhos e imaginações de seu coração.

Agora bem, a verdadeira piedade não consiste no temor, o qual muito gostosamente evitaria o juízo de Deus, pois tem tanto mais horror quanto que não pode fugir dele; senão antes bem um puro e autêntico zelo que ama a Deus como a um verdadeiro Pai e o reverencia como a verdadeiro Senhor, abraça sua justiça e tem mas horror de ofendê-IO que de morrer. E quantos possuem este zelo não tentam forjar-se um deus de acordo com seus desejos e segundo sua temeridade, senão que buscam o conhecimento do verdadeiro Deus em Deus mesmo, e não o concebem senão tal e como se manifesta e se dá a conhecer a eles.

3. O QUE DEVEMOS CONHECER DE DEUS

Como a Majestade de Deus ultrapassa em si a capacidade do entendimento humano e inclusive é incompreensível para este, devemos adorar sua grandeza antes que examiná-la para não sermos completamente abrumados com tão grande claridade.

Por isso devemos buscar e considerar a Deus em suas obras, às quais a Escritura chama, por esta razão, "manifestações das coisas invisíveis", pois nos manifestam o que, de outro modo, não podemos conhecer do Senhor.

Não se trata agora de especulações vãs e frívolas para manter nosso espírito em suspense, senão de algo que necessitamos saber, que é alimento e que confirma em nós uma autêntica e sólida piedade, quer dizer, a fé unida ao temor. Contemplemos, pois, neste universo a imortalidade de nosso Deus, de quem procede o princípio e origem de tudo o que existe; seu poder que criou num tão grande conjunto e agora o sustenta; sua sabedoria que compôs e governa uma variedade tão grande e tão diversa segundo uma ordem deliciosa; sua bondade que tem sido em si mesma causa de que tenham sido criadas todas estas coisas e de que agora subsistam; sua justiça que se manifesta de

um modo maravilhoso na proteção dos bons e no castigo dos maus; sua misericórdia que, para mover-nos ao arrependimento, suporta nossas iniqüidades com grande doçura.

Certamente que este universo nos ensinaria, na medida que o necessitamos, e com abundantes testemunhos, como é Deus; mas somos tão rudes que estamos cegos ante uma luz tão brilhante. e nisto não pecamos só pela nossa cegueira, senão que nossa perversidade é tão grande que, ao considerar as obras de Deus, tudo o entende mal e erradamente , tergiversando por completo toda a sabedoria celestial que, muito pelo contrário, resplandece nelas com grande clareza.

Temos, pois, que deter-nos na Palavra de Deus que nos descreve a Deus de um modo perfeito pelas suas obras. Nela se julgam suas obras não segundo a perversidade de nosso juízo, senão segundo a regra da eterna verdade. Ali aprendemos que nosso único e eterno Deus é a origem e fonte de toda vida, justiça, sabedoria, poder, bondade e clemência; que dEle procede, sem exceção alguma, todo bem; e que, portanto, a Ele se deve com justiça todo louvor.

E embora todas estas coisas aparecem claramente em qualquer parte do céu e da terra, em definitiva só a Palavra de Deus nos fará compreender sempre e com toda verdade o fim principal para o qual tendem, qual é seu valor, e em que sentido devemos interpretá-las. Então aprofundaremos em nós mesmos e aprenderemos como manifesta o Senhor em nós sua vida, sua sabedoria, seu poder; e como operam em nós sua justiça, sua clemência e sua bondade.

4. O QUE DEVEMOS CONHECER DO HOMEM

O homem foi, no princípio, formado a imagem e semelhança de Deus para que, pela dignidade que tão nobremente tinha-lhe Deus investido, admirasse a seu Autor e o honrasse com o agradecimento que se devia.

Mas o homem, confiando na excelência tão grande de sua natureza, esqueceu de onde procedia e quem o fazia subsistir, e pretendeu alçar-se contra seu Senhor. Foi, pois, necessário que se despojasse de todos os dons de Deus, dos quais se orgulhava loucamente, para que assim, privado e desprovido de toda glória, conhecesse o Deus que o havia enriquecido com generosidade e a quem tinha-se atrevido a desprezar.

Pelo qual, todos nós, que procedemos de Adão, uma vez que esta semelhança de Deus tem desaparecido de nós, nascemos carne da carne. Pois, ainda que estejamos compostos de alma e corpo, sentimos sempre e unicamente a carne, de modo que seja qual for a parte do

homem sobre a qual fizemos nossos olhos, só podemos ver coisas impuras, profanas e abomináveis para Deus. pois a sabedoria do homem, cegada e assediada por inúmeros erros, se opõe continuamente à sabedoria de Deus; a vontade perversa e cheia de afetos corrompidos a nada professa mais ódio que a sua justiça; as forças humanas, incapazes de qualquer obra boa, se inclinam furiosamente para a iniquidade.

5. DO LIVRE ARBÍTRIO

A Escritura testemunha com freqüência que o homem é escravo do pecado; o que quer dizer que seu espírito é tão estranho à justiça de Deus que não concebe, deseja ou empreende coisa alguma que não seja má, perversa, iníqua e suja; pois o coração, completamente cheio do veneno do pecado, não pode produzir senão os frutos do pecado.

Não pensemos, porém, que o homem peca como impelido por uma necessidade iniludível, pois peca com o consentimento de sua própria vontade, continuamente e segundo sua inclinação. Mas como a causa da corrupção de seu coração odeia profundamente a justiça de Deus, e por outro lado lhe atrai toda sorte de maldade, por isso se diz que não tem o livre poder de escolher o bem e o mal —que é o que chamamos de livre arbítrio.

6. DO PECADO E DA MORTE

O pecado, segundo a Escritura, é tanto esta perversidade da natureza humana que é a fonte de todo vício, como os maus desejos que nascem dela, e os injustos crimes que estes originam: homicídios, furtos, adúlteros e outros parecidos. Assim, pois, todos nós, pecadores desde o ventre materno, nascemos submetidos à cólera e à vingança de Deus.

E quando somos já adultos, acumulamos sobre nós, cada vez mais pesadamente, o juízo de Deus.

Por último, durante toda nossa vida, avançamos mais e mais rumo a morte.

Pois se não há dúvida alguma de que qualquer iniquidade é odiosa para a justiça de Deus, que podemos esperar perante Ele, nós que somos miseráveis e estamos abrumados pelo peso de tanto pecado e manchados com inúmeras impurezas, senão uma confusão certa, segundo sua justa indignação?

Este conhecimento, embora aterra o homem e o enche de desespero, é contudo necessário para que, despidos de nossa própria

justiça, privados de toda confiança em nossas próprias forças, e desprovidos de qualquer esperança de vida, aprendamos, compreendendo nossa pobreza, miséria e ignomínia, a prostrar-nos ante o Senhor, reconhecendo nossa iniquidade, impotência e perdição, e possamos atribuí-lhe toda a glória pela santidade, o poder e a salvação.

7. COMO SOMOS ENCAMINHADOS À SALVAÇÃO E À VIDA

Se este conhecimento de nós mesmos, que nos demonstra nossa nada, tem penetrado verdadeiramente em nossos corações, então nos será fácil o acesso ao verdadeiro conhecimento de Deus. Este Deus já nos abriu uma espécie de primeira porta em seu Reino, ao destruir estas duas nefandas verdades: a certeza de que não nos alcançará sua vingança, e a falsa confiança em nós mesmos. Então começamos a elevar para o céu aqueles olhos até agora fixos e cravados no chão, e suspiramos pelo Senhor, os que só descansávamos em nós mesmos.

E por outra parte, este Pai misericordioso, ainda quando nossa iniquidade merece um tratamento bem diferente, se revela então voluntariamente a nós segundo sua bondade incrível, quando precisamente estamos tão aflitos e aterrorizados. E pelos meios que Ele sabe resultam úteis a nossa debilidade, nos chama do erro ao reto caminho, da morte à vida, da ruína à salvação, do reino do diabo a Seu próprio reino. Para todos aqueles aos quais se digna conceder de novo a herança da vida celestial, estabelece o Senhor, como primeira etapa, que se sintam contristados em suas consciências, carregados pelo peso de seus pecados e estimulados a permanecer em seu temor; e por isso nos propõe, para começar, sua Lei, a qual nos exercita neste conhecimento.

SEGUNDA PARTE A LEI DO SENHOR

1. OS DEZ MANDAMENTOS

Na Lei de Deus se nos deu uma perfeitíssima regra de toda justiça, que podemos chamar com toda razão "a vontade eterna do Senhor", pois tem resumido plenamente e com clareza em duas Tábuas tudo quanto exige de nós.

Na primeira Tábua nos prescreveu, em poucos mandamentos, quando é o serviço que lhe é agradável a sua Majestade. Na segunda, quais são as obrigações de caridade que temos com o próximo.

PRIMEIRA TÁBUA

● Primeiro Mandamento

"Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20:2-3, ACF).

A primeira parte deste mandamento é como uma introdução a toda a Lei. Pois ao afirmar que Ele é "Jeová, nosso Deus", Deus se declara como quem tem o direito de mandar e a cujo mandado se deve obediência, segundo o diz por seu profeta: *"Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o meu temor?"* (Malaquias 1:6, ACF).

De igual modo lembra seus benefícios, colocando em evidência nossa ingratidão se não obedecemos a sua voz. Pois por esta mesma bondade com a qual antes "tirou" o povo judeu "da servidão do Egito", libera também a todos seus serviços do eterno Egito, quer dizer, do poder do pecado.

Sua proibição de ter "outros deuses" significa que não devemos atribuir a ninguém nada do que pertence a Deus. Agrega "diante de mim", declarando deste modo que quer ser reconhecido como Deus não só numa confissão externa, senão com toda verdade, do íntimo do coração.

Pois bem, estas coisas pertencem unicamente a Deus, e não podem transferir-se a nenhum outro sem arrebatá-las dEle; estas coisas são: que o adoremos a Ele sozinho, que nos apoiemos em Ele com toda nossa confiança e com toda nossa esperança, que reconheçamos que tudo o bom e santo provém dEle, e que lhe tributemos o louvor por toda bondade e santidade.

● Segundo Mandamento

"Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás" (Êxodo 20:4-5, ACF).

Do mesmo modo que pelo mandamento anterior declarou que era o único Deus, assim agora diz quem é que como deve ser honrado e servido.

Proíbe, pois, que lhe atribuamos "alguma semelhança", e a razão disto nos dá no capítulo 4 do Deuteronômio e no capítulo 40 de Isaías, a saber: que o Espírito não tem nenhum parecido com o corpo.

Do resto, proíbe que demos culto a nenhuma imagem. Aprendamos, pois, deste mandamento que o serviço e a honra de Deus são espirituais: pois, como é Espírito, quer ser honrado e servido em espírito e em verdade. Imediatamente agrega uma terrível ameaça, com a que declara quão gravemente resulta ofendido quebrantando este mandamento: *"porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, e faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos"* (Êx 20:5-6, ACF).

Que e como se disser que Ele é o único em quem devemos descansar, que não suporta que coloquemos a ninguém a seu lado. E inclusive que vingará sua Majestade e sua Glória se alguns a transferirem às imagens ou a qualquer outra coisa; e não de uma vez para sempre, senão nos pais, filhos e descendentes, quer dizer, em todos, enquanto imitem a impiedade de seus pais; do mesmo modo que manifesta sua misericórdia e doçura aos que o amam e guardam sua Lei. Em todo o qual nos declara a grandeza de sua misericórdia que a estende até mil gerações, enquanto que só assina quatro gerações para sua vingança.

● Terceiro Mandamento

"Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão; porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão" (Êx 20:7, ACF). Nos proíbe aqui abusar de seu santo e sagrado Nome nos juramentos para confirmar coisas vãs ou mentiras, pois os juramentos não devem servir-nos para prazer ou deleite, senão para uma justa necessidade quando se trata de manter a glória do Senhor ou quando é necessário afirmar algo que serve para edificação.

E proíbe terminantemente que maculemos no mínimo seu santo e sagrado Nome; ao contrário, devemos tomar este Nome com reverência e com toda dignidade, segundo o exige sua santidade, trate-se de um juramento que nós pronunciemos, ou de qualquer coisa que nos propomos perante Ele.

E já que o principal uso que devemos realizar deste Nome é invocá-lo, aprendemos que classe de invocação é a que aqui nos ordena.

Finalmente, anuncia neste mandamento um castigo, com o fim que aqueles que profanem com injúrias e outras blasfêmias a santidade de seu Nome, não acreditem que poderão escapar de sua vingança.

● Quarto Mandamento

"Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o SENHOR o dia do sábado, e o santificou" (Êx 20:8-11, ACF).

Vemos que promulgou este mandamento por três motivos:

Primeiro, porque o Senhor quis, por meio do repouso do sétimo dia, dar a entender ao povo de Israel o repouso espiritual no qual devem os fiéis abandonar suas próprias obras para que o Senhor opere neles.

Em segundo lugar, quis que existisse um dia ordenado para reunir-se, para escutar sua Lei e tomar parte em seu culto. Em terceiro lugar, quis que aos servos e a os que vivem sob o domínio de outro Ihes fosse concedido um dia de repouso para poder descansar de seu trabalho. Mas isto é uma consequência, antes que uma razão principal.

Em quanto ao primeiro motivo, não há dúvida alguma de que cessou com Cristo: pois Ele é a Verdade com cuja presença desaparecem todas as figuras, e é o Corpo com cuja vinda se esvaecem todas as sombras. Pelo qual são Paulo afirma que o sábado era "a sombra do porvir". Do resto, declara a mesma verdade quando, no capítulo 6 da carta aos Romanos, nos ensina que fomos sepultados com Cristo, a fim de que por sua morte morramos à corrupção de nossa carne. E isso não se efetua num só dia, senão ao longo de toda nossa vida até que, mortos inteiramente a nós mesmos, sejamos transbordados da vida de Deus. portanto deve estar muito longe do cristão a observação supersticiosa dos dias.

Mas como os dois últimos motivos não podem contar-se entre as sombras antigas senão que se referem por igual a todas as épocas, apesar de ter sido ab-rogado o sábado, ainda tem vigência entre nós o que escolhamos alguns dias para escutar a Palavra de Deus, para romper o pão místico na Ceia e para orar publicamente. Pois somos tão fracos que é impossível reunir tais assembléias todos os dias. Também

é necessário que os servos e os operários possam repor-se de seu trabalho.

Por isso foi abolido o dia observado pelos judeus —o qual era útil para desarraigar a superstição—, e se destinou a esta prática um outro dia —o qual era necessário para manter e conservar a ordem e a paz na Igreja.

Se, pois, aos judeus se deu a verdade em figura, a nós se nos revela esta mesma verdade sem nenhuma sombra: Primeiramente, para que consideremos toda nossa vida um "sábado", quer dizer, repouso contínuo de nossas obras, para que o Senhor opere em nós por meio de seu Espírito.

Em segundo lugar, para que mantenhamos a ordem legítima da Igreja, com o fim de escutar a Palavra de Deus, receber os Sacramentos e orar publicamente.

Em terceiro lugar, para que não oprimamos desumanamente com o trabalho aos que nos estão sujeitos.

SEGUNDA TÁBUA

● Quinto Mandamento

"Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR teu Deus te dá" (Êx 20:12, ACF).

Neste mandamento se nos ordena respeitar a nosso pai e mãe, e aos que de modo parecido exercem autoridade sobre nós, como os príncipes e magistrados. A saber, que lhes tributemos reverência, reconhecimento e obediência, e todos os serviços que nos sejam possíveis, pois é a vontade de Deus que correspondamos com todas estas coisas aos que nos trouxeram a esta vida. E pouco importa que sejam dignos ou indignos de receber esta honra, pois, sejam o que for, o Senhor nos os deu por pai e mãe e quis que os honremos.

Mas devemos indicar de passagem que somente se nos manda obedecê-lhes em Deus. pelo qual não devemos, para agradá-los, quebrantar a Lei do Senhor; pois se nos ordenam algo, seja o que for, contra Deus, então não devemos considerá-los, neste ponto, como pai e mãe, senão como estranhos que querem afastar-nos da obediência a nosso verdadeiro Pai.

Este quinto mandamento é o primeiro que contém uma promessa, como o indica são Paulo no capítulo 6 da carta aos Efésios. Pelo fato de prometer o Senhor uma bênção na vida presente aos filhos que tenham servido e honrado a seu pai e mãe, observando este mandamento tão

conveniente, declara que tem preparada uma certíssima maldição para os que são rebeldes e desobedientes.

● Sexto Mandamento

"Não matarás" (Êx 20:13, ACF).

Aqui nos é proibido qualquer tipo de violência e ultraje, e em geral toda ofensa que posa ferir o corpo do próximo. Pois se lembrarmos que o homem foi feito a imagem de Deus, devemos considerá-lo como santo e sagrado, de sorte que não pode ser violentado sem violentar também, nele, a imagem de Deus.

● Sétimo Mandamento

"Não adulterarás" (Êx 20:14, ACF).

O Senhor nos proíbe aqui qualquer classe de luxúria e de impureza. Pois o Senhor uniu o homem e a mulher somente pela lei do matrimônio, e como esta união está selada com sua autoridade, a santifica também com sua bênção; portanto, qualquer união que não seja a do matrimônio é maldita ante Ele. É, portanto, nosso que aqueles que não têm o dom da continência —pois é um dom particular que não está na capacidade de todos— coloquem um freio à intemperança de sua carne com o honesto remédio do matrimônio, pois o matrimônio é honroso em todos; porém Deus condenará os fornicarios e os adúlteros.

● Oitavo Mandamento

"Não furtarás" (Êx 20:15, ACF).

Se nos proíbe aqui, de um modo geral, que nos apropriemos dos bens alheios. Pois o Senhor quer que estejam longe de seu povo todo tipo de rapinas por meio das quais são abrumados e oprimidos os fracos, e também toda sorte de enganos com os que se vê surpreendida a inocência dos humildes.

Se, pois, quisermos conservar nossas mãos puras e limpas de furtos, é necessário que nos abstenhamos tanto de rapinas violentas como de enganos e sutilezas.

● Nono Mandamento

"Não dirás falso testemunho contra o teu próximo" (Êx 20:16, ACF).

O Senhor condena aqui todas as maldições e injúrias com as que se ultraja a boa fama de nosso irmão, e todas as mentiras com as quais, de qualquer forma que seja, se fere o próximo.

Pois se a boa fama é mais preciosa que qualquer outro tesouro, não recebemos menos dano ao sermos despojados da integridade de nossa boa fama que ao sê-lo de nossos bens. Com freqüência se consegue tirar os bens a um irmão com falsos testemunhos, tão perfeitamente como com a cobiça das mãos. Por isso fica amarrada nossa língua por este mandamento, como o estão nossas mãos pelo anterior.

● **Décimo Mandamento**

"Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo" (Êx 20:17, ACF).

Por este mandamento o Senhor coloca como um freio a todos os desejos que ultrapassam os limites da caridade. Pois todo o que os outros mandamentos proíbem cometer em forma de atos contra a regra do amor, este proíbe concebê-lo no coração.

Assim, este mandamento condena o ódio, a inveja, a malevolência, do mesmo modo que antes estava condenado o homicídio. Tão proibidos estão os afetos impuros e as máculas internas do coração como a libertinagem. Onde já estavam proibidos o engano e a cobiça, aqui o está a avareza; onde já se proibia a murmuração, aqui se reprime inclusive a malevolência.

Vemos, pois, quão geral é a intenção deste mandamento, e como se estende ao longo e ao largo. Pois o Senhor exige que amemos nossos irmãos com um afeto maravilhoso e sumamente ardoroso, e quer que não se veja turvado pela mais mínima cobiça contra o bem e proveito do próximo.

Em resumo, este mandamento consiste, portanto, em que amemos o próximo de tal modo que nenhuma cobiça contrária à lei do amor nos afague, e que estejamos dispostos a dar de bom grau a cada um o que lhe pertence. Agora bem, devemos considerar como pertencente a cada um o que pelo mesmo dever de nosso cargo estamos obrigados a dá-lhe.

2. O RESUMO DA LEI

Nosso Senhor Jesus Cristo nos declarou suficientemente para onde tendem todos os mandamentos da Lei, ao ensinar-nos que toda a Lei re compreendida em dois artigos.

O primeiro, que amemos o Senhor, nosso Deus, com todo nosso coração, com toda nossa alma e com todas nossas forças.

O segundo, que amemos nosso próximo cristianismo a nós mesmos.

E esta interpretação a tomou da própria Lei, pois a primeira parte está no capítulo 6 do Deuteronômio e a segunda a achamos no capítulo 19 do Levítico.

3. O QUE NOS VEM UNICAMENTE DA LEI

Eis aqui o modelo de uma vida santa e justa, e incluso uma imagem perfeitíssima da justiça, de modo que se alguém cumprir em sua vida a lei de Deus, a esse nada do que se requer para a perfeição lhe faltará perante o Senhor.

Para confirmar isso, Deus promete aos que tenham cumprido sua Lei, não só aquelas grandes bênçãos da vida presente de que se fala no capítulo 26 do Levítico e no capítulo 28 de Deuteronômio, senão também a recompensa da vida eterna.

Por outra parte, Deus anuncia a vingança de uma morte eterna contra todos os que não tenham cumprido com suas ações tudo o que foi mandado nesta Lei. Inclusive Moisés, tendo proclamado a Lei, toma por testemunha o céu e a terra de que acaba de propor ao povo o bem e o mal, a vida e a morte.

Mas, embora a Lei indica o caminho da vida, contudo devemos ver de que modo pode aproveitar-nos. Se nossa vontade estiver conformada e submetida à obediência da vontade de Deus, certamente que o mero conhecimento da Lei bastaria para nossa salvação. Mas, como a nossa natureza carnal e corrompida luta em tudo e sempre contra a Lei espiritual de Deus, e não se corrigiu no mais mínimo com a doutrina desta Lei, resulta que esta mesma Lei que tinha sido dada, caso ter achado ouvintes bons e capazes, para a salvação, se converte em orações de pecado e de morte. Pois, como estamos todos convencidos de sermos transgressores da Lei, quanto mais claramente esta Lei nos manifesta a justiça de Deus, com tanta maior clareza nos descobre, por outra parte, nossa injustiça.

Portanto, quanto maior seja a transgressão em que nos surpreenda, tanto mais severo será o juízo de Deus diante do qual ela nos declara culpados; e, uma vez suprimida a promessa de vida eterna, não nos sobra senão a maldição que todos nos corresponde pela Lei.

4. A LEI É UMA ETAPA PARA CHEGAR ATÉ CRISTO

Se a injustiça e a transgressão de todos nós estão demonstradas pelo testemunho da Lei, não é assim com o fim que caímos no desespero e de que, perdida toda esperança, afundemos na ruína.

O apóstolo nos diz que todos estamos condenados pelo juízo da Lei, para que toda boca se feche que todo o mundo fique sob o juízo de Deus. porém, ele mesmo ensina em outra parte que Deus encerrou a todos na incredulidade, não para perdê-los ou para deixá-los perecer, senão para ter misericórdia de todos.

Assim sendo, o Senhor, depois de ter-nos prevenido, por meio da Lei, de nossa debilidade e de nossa impureza, nos consola com a confiança em seu poder e em sua misericórdia, e isso em Cristo, seu Filho, pelo qual Ele se nos revela a nós como benévolo e propício.

Pois embora na Lei Deus não aparece mais que como o remunerador de uma perfeita justiça —da qual estamos totalmente privados—, e por outra parte como o Juiz íntegro e severo dos pecados, em Cristo, ao contrário, seu rosto resplandece cheio de graça e de doçura; e isto para com os miseráveis e indignos pecadores, pois nos deu este exemplo admirável de seu amor infinito, entregando por nós seu próprio Filho, e nos abriu, nEle, todos os tesouros de sua clemência e bondade.

TERCEIRA PARTE DA FÉ

1. POSSUÍMOS A CONTUDO PELA FÉ

O Pai misericordioso nos oferece seu Filho pela Palavra do Evangelho. E pela fé nós o abraçamos e o reconhecemos como dom de Deus para nós.

É verdade que a Palavra do Evangelho chama a todos os homens a que participem de Cristo; porém muitos, cegados e endurecidos pela incredulidade, desprezam esta graça tão extraordinária. Unicamente os fiéis gozam, pois, de Cristo; somente os fiéis o recebem como enviado a eles. Não rejeitam Àquele que lhes foi dado; seguem Àquele que os chamou.

2. DA ELEIÇÃO E DA PREDESTINAÇÃO

Pela distinção anterior, devemos necessariamente considerar o grande segredo do conselho de d.; pois a semente da Palavra de Deus deita raízes e frutifica unicamente naqueles que o Senhor, pela sua eterna eleição, destinou para serem seus filhos e os herdeiros do Reino celestial.

Para todos os outros que, pelo mesmo conselho de Deus, antes da constituição do mundo foram reprovados, a clara e evidente predicação

da Verdade não pode ser senão um cheiro de morte que conduz à morte.

Agora bem, a razão de que o Senhor seja misericordioso com uns e exerça o rigor de sua justiça com outros, somente Ele a conhece, já que quis ocultá-la a todos, e isto por mui justos motivos. Pois nem a dureza de nosso espírito poderia suportar tão grande claridade, nem nossa pequenez poderia compreender tão grande sabedoria.

De fato, todos os que pretendem chegar até ali, e não queiram reprimir a temeridade de seu espírito, experimentarão a verdade do que diz Salomão: quem pretenda investigar a Majestade de Deus, será esmagado pela sua glória.

Baste-nos pensar em nosso interior que esta dispensação do Senhor, embora oculta para nós, é contudo santa e justa. Pois se Deus quiser perder todo o gênero humano, teria o direito de fazê-lo. e nos que afasta da perdição, somente podemos admirar sua soberana bondade.

Reconheçamos, pois, que os eleitos são os vasos de sua misericórdia —e bem está que assim seja!—, e que os reprovados são os vasos de sua cólera, a qual é, não obstante, justa. Dos uns e dos outros tomemos ocasião e argumento para exaltar sua glória.

Do resto, não pretendamos —como acontece a muitos—, para confirmar a certeza de nossa salvação, penetrar no céu e averiguar o que Deus, desde a eternidade, decidiu fazer por nós, pois esta indagação não servirá senão para agitar-nos angustiadamente e perturbar-nos miseravelmente. Contentemo-nos, pelo contrário, com o testemunho por meio do qual Ele nos tem confirmado suficiente e amplamente esta certeza. Pois já que em Cristo são escolhidos todos os que foram predestinados para a vida, ainda antes de ter sido estabelecidos os fundamentos do mundo, em Cristo também nos foi apresentada a prenda de nossa eleição, se é que a recebemos e a abraçamos pela fé.

E que busquemos na eleição senão ser partícipes da vida eterna? E nós temos esta vida em Cristo, que era a Vida desde o começo e que nos é proposto como vida para que todos os que crêem nEle não pereçam, mas tenham a vida eterna.

Se, pois, possuindo a Cristo pela fé, possuímos também a vida nEle, não temos por que pesquisar por mais tempo o conselho eterno de Deus; pois Cristo não é tão só um espelho no qual nos é apresentada a vontade de Deus, senão um penhor pelo qual essa vontade de Deus nos é selada e confirmada.

3. O QUE É A VERDADEIRA FÉ?

Não se deve pensar que a fé cristã é um puro e simples conhecimento de Deus, ou uma compreensão da Escritura, que anda volitando no cérebro sem tocar no coração. Tal é, de ordinário, a opinião que temos das coisas que nos são confirmadas por alguma razão humana.

Mas a fé cristã é uma firme e sólida confiança do coração, pela que descansamos com segurança na misericórdia de Deus que nos foi prometida pelo Evangelho.

Assim, a definição de fé deve tomar-se da substância da promessa. E a fé se apóia tão perfeitamente neste fundamento que, se tiramos eles, a fé desmoronaria imediatamente, ou, melhor falando, desapareceria.

Por isso, quando o Senhor, pela promessa evangélica nos apresenta sua misericórdia, e nós com certeza e sem vacilação alguma nos confiamos nAquele que realiza a promessa, então possuímos sua Palavra pela fé. E esta definição não é senão a do apóstolo, que nos ensina que a fé é a substância das coisas que se esperam, a demonstração das coisas que não se vêem. O apóstolo entende por estas palavras uma possessão segura e certa das coisas que Deus prometeu, e uma evidência das coisas que não se vêem, quer dizer, da vida eterna que esperamos a causa de nossa confiança nesta bondade divina que se nos oferece pelo Evangelho.

Agora bem, já que todas as promessas de Deus foram confirmadas e, por assim dizer, cumpridas e realizadas em Cristo, é evidente que Cristo é, sem lugar a dúvidas, o objeto perfeito da fé, e que essa contempla nEle todas as riquezas da misericórdia divina.

4. A FÉ É UM DOM DE DEUS

Se considerarmos honestamente em nosso interior até que ponto é cego nosso pensamento ante os segredos celestiais de Deus, e até que ponto é nosso coração infiel em tudo, não duvidaremos que a fé ultrapassa infinitamente todo o poder de nossa natureza, e que é um dom extraordinário e precioso de Deus. Como diz são Paulo: *"Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus"* (1 Coríntios 2:11, ACF). Se a verdade de Deus vacilar em nós, inclusive tratando-se de coisas que nosso olho

vê, como vai ser firme e estável quando o Senhor promete coisas que nem nosso olho vê nem nossa inteligência compreende?

Vemos, pois, que a fé é uma iluminação do Espírito Santo, que esclarece nossas inteligências e fortalece nossos corações. Ela nos convence com certeza e nos dá a segurança de que a verdade de Deus é de modo tal certa, que Deus cumprirá tudo o que em sua santa Palavra prometeu que Ele faria.

Eis aqui por que o Espírito Santo é designado como "penhor" que confirma em nossos corações a certeza da verdade divina, e como um selo que selou nossos corações na espera do dia do Senhor. O Espírito Santo dá testemunho a nosso espírito de que Deus é nosso Pai e nós, seus filhos.

5. SOMOS JUSTIFICADOS EM CRISTO PELA FÉ

Sendo Cristo o objeto permanente da fé, não podemos saber o que recebemos pela fé senão olhando para Ele. Agora bem, o Pai nos o entregou para que tenhamos nEle a vida eterna. Jesus disse: *"E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste"* (João 17:3, PJFA); e também: *"quem crê em mim, ainda que morra, viverá"* (João 11:24, PJFA).

Contudo, para que isto se cumpra, é necessário que sejamos purificados nEle, já que estamos manchados pelo pecado, e nada impuro entrará no Reino de Deus. Pelo qual necessitamos participar nEle, para que nós, que somos pecadores em nós mesmos, sejamos pela sua justiça achados justos ante o trono de Deus. E deste modo, despojados de nossa própria justiça, somos revestidos da justiça de Cristo e, sendo por nossas obras injustos, somos justificados pela fidelidade de Cristo.

Pois se diz que somos justificados pela fé, não porque recebamos em nosso interior alguma justiça, senão porque nos é atribuída a justiça de Cristo como se fosse nossa, enquanto que não nos é imputada nossa própria injustiça. De modo tal que é possível, resumindo numa palavra, chamar a esta justiça de remissão dos pecados. Isto é o que o apóstolo declara expressamente comparando com freqüência a justiça das obras com a justiça da fé, e ensinando que uma destrói a outra.

Estudando o símbolo dos apóstolos —que indica por sua ordem todas as realidades sobre as que está fundada e se apóia nossa fé—, veremos como Cristo nos tem merecido esta justiça e em que consiste a mesma.

6. SOMOS SANTIFICADOS PELA FÉ PARA OBEDECER A LEI

Da mesma forma que Cristo intercede por nós ante o Pai pela sua justiça, para que sejamos declarados justos, sendo Ele nosso advogado, assim também fazendo-nos participar de seu Espírito nos santifica para fazer-nos puros e inocentes. Pois o Espírito do Senhor repousou sobre Ele sem medida —o Espírito de sabedoria, de inteligência, de conselho, de fortaleza, de ciência e de temor do Senhor—, para que todos tomemos de sua plenitude e recebamos graça sobre graça que lhe foi dada.

Aqueles, pois, que se gloriam da fé cristã, enquanto estão inteiramente privados da santificação de seu Espírito, se enganam a si mesmos; pois a Escritura ensina que Cristo foi feito para nós não só justiça senão também santificação. O Senhor, por esta aliança que concertou conosco em Cristo, promete, ao mesmo tempo, que fará a expiação de nossos pecados e que escreverá sua Lei em nossos corações.

A obediência à Lei não está em nosso poder, senão que depende do poder do Espírito que limpa nossos corações de sua corrupção e os amolece para que obedeçam à justiça. Em diante o uso das Leis, para os cristãos, é absolutamente impossível fora da fé. O ensino externo da Lei não fazia senão acusar-nos de debilidade e transgressão. Mas, desde que o Senhor gravou em nossos corações o amor a sua justiça, a Lei é uma lâmpada para guiar nossos passos pelo reto caminho; ela é a sabedoria que nos forma, nos instrui e nos alenta a sermos íntegros; é uma regra, e não sofre ser aniquilada por uma falsa liberdade.

7. DO ARREPENDIMENTO E DO NOVO NASCIMENTO

Agora nos é fácil compreender por que o arrependimento está sempre unido à fé cristã, e por que o Senhor afirma que ninguém pode entrar no Reino dos Céus sem ter nascido de novo.

O arrependimento é esta conversão pela qual, abandonando a perversidade deste mundo, voltamos ao caminho do Senhor. E como Cristo não é ministro do pecado, nos purifica das manchas do pecado, e nos reviste da participação em sua justiça; mas não para que profanemos logo uma tão grande graça com novas faltas, senão para que consagremos o porvir de nossa vida à glória do Pai que nos adotou por filhos seus.

A realização deste arrependimento depende de nosso novo nascimento e compreende duas partes: a mortificação de nossa carne

(quer dizer, da corrupção que é gerada conosco), e a vivificação espiritual pela qual a natureza humana é restaurada em sua integridade.

O sentido de nossa vida está em que, mortos ao pecado e a ns mesmos, vivamos para Cristo e para sua justiça. E como este renascimento não se consuma enquanto estejamos prisioneiros deste corpo de morte, é necessário que a preocupação de nosso arrependimento dure até nossa morte.

8. RELAÇÃO ENTRE A JUSTIÇA DAS OBRAS E A JUSTIÇA DA FÉ

Não se pode duvidar de que as boas obras que procedem de uma consciência purificada sejam agradáveis a Deus: ao reconhecer em nós sua própria justiça, não pode menos que aprová-la e estimá-la.

Não obstante, devemos procurar cuidadosamente não deixar-nos arrastar por uma vã confiança nas boas obras de modo tal que esqueçamos a justificação pela só fé em Cristo. Pois a única justificação das obras que existe claramente de Deus é a que corresponde a sua justiça. Para quem quer ser justificado pelas obras, não basta, portanto, realizar boas obras, senão que necessita mostrar uma perfeita obediência à Lei. E até os que melhor e mais que os outros adiantaram na Lei do Senhor, estão ainda muito longe desta perfeita obediência.

Mais ainda: incluso se a justiça de Deus quiser contentar-se com uma única boa obra, não encontraria o Senhor em seus santos essa única boa obra merecedora de fazer o elogio da justiça. Pois, por mais estranho que pareça, é absolutamente certo que nem uma única obra procede de nós com absoluta perfeição e sem estar obscurecida com alguma mácula.

Eis aqui o por quê, sendo todos pecadores, e estando maculados com inúmeras marcas de pecado, temos que sermos justificados desde fora. Sempre, pois, temos necessidade de Cristo para que sua perfeição cobre nossa imperfeição, para que sua pureza lave nossas manchas, para que sua obediência apague nossa injustiça, para que, finalmente, sua justiça nos seja gratuitamente imputada, sem consideração alguma a nossas obras, cujo valor não pode subsistir ante o juízo de Deus.

Mas quando nossas manchas —que de outro modo contaminam nossas obras ante Deus— são cobertas deste modo, o Senhor não vê em nossas obras mais que uma absoluta pureza e santidade. Por isso

as honra com grandes títulos e elogios. As chama de justas e as têm por tais. Promete-lhes uma imensa recompensa.

Em resumo, temos que concluir que a comunhão com Cristo tem tal valor que, precisamente por ela, não só somos justificados gratuitamente, senão que, além disso, nossas obras são tidas por justas e recompensadas com uma remuneração eterna.

9. O SÍMBOLO DA FÉ

Acabamos de expor o que obtemos em Cristo pela fé. Ouçamos agora o que a nossa fé deve olhar e considerar em Cristo para consolidar-se. Isto está desenvolvido no Símbolo (como é chamado), no qual vemos como Cristo foi feito para nós, pelo Pai, sabedoria, redenção, vida, justiça e santificação.

Pouco importa o autor ou autores que compuseram este resumo da fé, já que não contem nenhum ensino humano, senão que provém dos firmíssimos testemunhos da Escritura. Mas com o fim de que nossa confissão de fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo não perturbe a ninguém, falemos primeiro um pouco dela.

Quando mencionamos o Pai, o Filho e o Espírito Santo, não imaginamos três deuses; senão que a Escritura e a experiência da piedade nos mostram no Ser único de Deus, o Pai, seu Filho e seu Espírito. De modo que nossa inteligência não pode compreender o Pai sem compreender igualmente o Filho, no qual brilha sua viva imagem, e o Espírito no qual aparece seu poder e força.

Vamos deter-nos, pois, e fixemos todos o pensamento de nosso coração num só Deus. e contudo, contemplemos sempre o Pai com o Filho e seu Espírito.

CREIO EM DEUS PAI TODO PODEROSO, CRIADOR DO CÉU E DA TERRA

Estas palavras não só nos ensinam a crer que Deus existe, senão também, e sobre tudo, a reconhecer que é nosso Deus e a termos por verdadeiro que formamos parte daqueles aos que Ele promete que será seu Deus e que recebeu como povo seu. A Ele se atribui todo poder: dirige todo com sua providência, o governa com sua vontade e o conduz com sua força e com o poder de sua mão.

Dizer "criador do céu e da terra" significa que cuida, sustenta e vivifica perpetuamente tudo o que criou uma vez.

E EM JESUS CRISTO, SEU ÚNICO FILHO, NOSSO SENHOR

O que temos ensinado mais acima, a saber, que Cristo é o objeto mesmo de nossa fé, aparece claramente nestas palavras que descrevem nEle todos os aspectos de nossa salvação. O chamamos Jesus, título com o qual o honrou uma revelação celestial, pois tem sido enviado para salvar os seus de seus pecados. Por esta razão a Escritura afirma que *"debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos"* (Atos 4:12, ACF).

O título de Cristo significa que tenho recebido com plenitude a unção de todas as graças do Espírito Santo (simbolizadas na Escritura pelo óleo), sem as quais caímos como galhos secos e estéreis. Esta unção o consagrou:

Primeiro como Rei, em nome do Pai, para ter todo poder no céu e na terra, a fim de sermos nós reis por Ele, com domínio sobre o Diabo, o pecado, a morte e o inferno.

Em segundo lugar, como Sacerdote, por dar-nos a paz e a reconciliação com o Pai por meio de seu sacrifício, a fim de sermos sacerdotes por Ele, oferecendo ao Pai nossas orações, nossas ações de graças, nós mesmos e tudo o que nos pertence, já que é nosso intercessor e nosso mediador.

Além é chamado Filho de Deus, não como os fiéis que o são somente por adoção e por graça, senão como verdadeiro e legítimo Filho que é, e portanto o único, em contraposição conosco.

Ele é nosso Senhor, não só segundo sua divindade, que é desde toda a eternidade uma só com o Pai, senão também segundo esta carne criada na que se nos revelou.

Como diz são Paulo: *"Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele"* (1 Coríntios 8:6, ACF).

QUE FOI CONCEBIDO DO ESPÍRITO SANTO, NASCEU DA VIRGEM MARIA

Se nos lembra aqui como o Filho de Deus se fez para nós Jesus — quer dizer Salvador— e Cristo —quer dizer Ungido, como Rei para guardar-nos e como Sacerdote para reconciliar-nos com o Pai.

Tomou nossa carne para, uma vez feito Filho de homem, conseguir fazer-nos com Ele, filhos de Deus. se revestiu de nossa pobreza para encher-nos de suas riquezas. Tomou nossa fraqueza para fortalecer-nos com sua força. Se revestiu de nossa condição mortal para dar-nos sua imortalidade. Desceu à terra para elevar-nos ao céu.

Nasceu da Virgem Maria para ser reconhecido como o verdadeiro filho de Abraão e de Davi, prometido pela Lei e os Profetas, e como verdadeiro homem, semelhante em tudo a nós, mas sem pecado. Foi tentado segundo todas nossas fraquezas, aprendendo deste modo a ter compaixão de nós. Foi, porém, concebido no seio da Virgem pelo poder maravilhoso e inefável do Espírito Santo; mas nasce sem ser maculado por nenhuma corrupção carnal, ante ao contrário, santificado com uma excelsa pureza.

PADECEU SOB O PODER DE PÔNCIO PILATOS, FOI CRUCIFICADO, MORTO E SEPULTADO; DESCEU AOS INFERNOS

Estas palavras nos ensinam como realizou nossa redenção para a qual tinha nascido como homem mortal. Ele apagou a desobediência do homem, que provocava a cólera de Deus, por meio de sua obediência, fazendo-se obediente ao Pai até a morte. Se ofereceu em sacrifício ao Pai por meio de sua morte, para que se aplacasse a justiça do Pai de uma vez para sempre, para que todos os fiéis fossem santificados eternamente, para que se cumprisse a eterna satisfação. Derramou seu sagrado sangue como preço de nossa redenção para apagar a cólera de Deus, acesa contra nós, e para purificar-nos de nossas iniquidades.

Nada existe nesta redenção sem mistério.

Padeceu sob Pôncio Pilatos, cuja sentença o condenou como criminoso e malfeitor, para sermos liberados com esta condena e absolvidos ante o tribunal do grande Juiz.

Foi crucificado para suportar com sua cruz a morte que nos ameaçava, e para devorá-la, sem o qual ela mesma nos teria devorado e engolido a todos.

Foi sepultado para sermos unidos a Ele pela eficácia de sua morte, sepultados com nosso pecado e liberados do poder do Diabo e da morte. E quando se diz que desceu aos infernos, isso significa que foi ferido por Deus e que suportou e experimentou o horrível rigor do juízo de Deus, interpondo-se Ele mesmo entre a cólera de Deus e nós, e satisfazendo por nós a justiça de Deus. deste modo sofreu e suportou o castigo que merecia nossa injustiça, sendo assim que não havia nele nem sombra de pecado. Não é que tenha estado o Pai nunca irritado com Ele: como poderia ter-se indignado com seu Filho bem-amado, em quem colocava toda sua complacência? Por outra parte, como teria podido o Filho aplacar o Pai com sua intercessão, se o tiver irritado? Antes ao contrário, Ele carregou o peso da cólera de Deus no sentido de que, ferido e abrumado pela mão de Deus, sentiu em si todos os

sinais da cólera e da vingança de Deus, até ver-se obrigado a gritar em sua angústia: "*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*" (Mateus 15:34, PJFA)

NO TERCEIRO DIA RESSUSCITOU DENTRE OS MORTOS, E SUBIU AOS CÉUS. ESTÁ SENTADO NA DESTRA DE DEUS PAI TODO-PODEROSO, E DALI VIRÁ A JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS.

Pela sua ressurreição temos a firme certeza de conseguirmos a vitória sobre o domínio da morte. Em efeito, não pôde ser retido nas correntes da morte, senão que se livrou delas com todo seu poder, destruindo assim as armas da morte, para que nunca jamais pudessem alcançar-nos mortalmente.

Sua ressurreição é, pois, a vida segura, a substância e fundamento, não só de nossa ressurreição futura, senão também desta ressurreição presente que nos permite viver uma nova vida.

Com sua ascensão ao céu nos abriu esta porta do Reino dos Céus que estava fechada para todos em Adão. De fato, Ele entrou no céu com nossa natureza humana como em nome nosso, de modo que já possuímos nEle o céu pela esperança, e nos sentamos com Ele nos lugares celestiais. Por nosso bem entrou no santuário de Deus, que não tem sido feito por mão de homem, para que perpetuamente, segundo seu ofício de eterno Sacerdote, o nosso advogado e mediador.

Está sentado à destra de Deus Pai. Isto quer dizer em primeiro lugar que tem sido restabelecido e declarado Rei, Mestre e Senhor de todas as coisas, para proteger-nos e amparar-nos com seu poder, de sorte que seu reino e sua glória sejam nossa força, nosso poder e nossa glória contra os infernos.

Em segundo lugar, isto quer dizer que recebeu todas as graças do Espírito Santo para dispensá-las a seus fiéis e enriquecê-los com elas. Deste jeito, embora seu corpo subiu para o céu e por isso já não está presente a nossos olhos, contudo não cessa de ajudar a seus fiéis com seu socorro e o poder manifesto de sua presença, segundo a promessa: "*E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos*" (Mateus 28:20, NVI). Agrega, finalmente, que o último dia, visivelmente, como o viram subir, aparecerá ante todos na majestade incompreensível de seu Reino, para julgar os vivos e os mortos (quer dizer, aos que aquele dia surpreenderá em vida, e aos que então estarão já mortos), dando a cada um segundo suas obras, segundo que cada um, pelas suas obras, tenha-se mostrado fiel ou infiel. Para nós é

um consolo extraordinário saber que o juízo está colocado nas mãos dAquele cuja vinda terá por única finalidade salvar-nos.

CREIO NO ESPÍRITO SANTO

Ensinamos a crer no Espírito Santo, quer dizer que se nos manda esperar nEle todos os bens que nos foram prometidos na Escritura.

Tudo o que existe de bom, seja onde for, o faz Jesus Cristo pelo poder de seu Espírito. Por ele cria, sustenta, conserva e vivifica todas as coisas. Por ele nos justifica, santifica, purifica, chama e atrai para si, para que obtenhamos salvação.

Por isso o Espírito Santo, quando habita deste modo em nós, é quem nos ilumina com sua luz para que aprendamos e saibamos perfeitamente as infinitas riquezas que, pela divina bondade, possuímos em Cristo. O Espírito Santo é quem inflama nossos corações com o fogo de um ardente amor a Deus e ao próximo. É Ele quem, a cada dia e cada vez mais, mortifica e destrói os vícios de nossa cobiça, de modo que se há em nós algumas obras boas, são frutos e efeitos de sua graça. Sem Ele não haveria senão trevas em nossa inteligência e perversidade em nosso coração.

CREIO NA SANTA IGREJA UNIVERSAL, NA COMUNHÃO DOS SANTOS

Já vimos a fonte de onde brota a Igreja na que se nos propõe aqui crer para estar seguros de que todos os escolhidos estão unidos, pelos laços da fé, numa Igreja, numa comunidade, num povo de Deus, cujo guia, príncipe e chefe deste, como corpo único, é Jesus, nosso Senhor; pois os crentes tem sido escolhidos em Cristo antes da criação do mundo para estar todos unidos no Reino de Deus.

Esta sociedade é católica, quer dizer, universal, pois não há dois ou três. Todos os escolhidos de Deus estão juntos e unidos em Cristo, de modo tal que dependem de um só chefe, crêem num só corpo e estão unidos uns aos outros por uma disposição parecida à dos membros de um mesmo corpo. Se fizeram com toda certeza um, porque, tendo uma mesma fé, uma mesma esperança, um mesmo amor, vivem de um mesmo Espírito de Deus, e estão chamados a uma mesma herança: a vida eterna.

Esta sociedade é também santa, pois todos os que são eleitos pela eterna providência de Deus para ser acolhidos como membros da Igreja são santificados pelo Senhor e regenerados espiritualmente.

As palavras comunhão dos santos explicam ainda mais claramente o que é a Igreja: a comunhão dos fiéis consiste em que, quando um deles tem recebido de Deus algum dom, todos participam dele, ainda que, pela dispensação de Deus este dom tenha sido dado a um deles em particular, do mesmo modo que os membros de um mesmo corpo, dentro de sua unidade, participam entre si de tudo o que têm, embora cada um tenha dons particulares e sejam diversas suas funções.

Pois, repito, todos os escolhidos estão juntos e reunidos num só corpo.

Creemos que a Igreja é santa e o mesmo a sua comunhão, de modo tal que, garantidos por uma firme fé em Cristo, temos a certeza de sermos membros dela.

CREIO NA REMISSÃO DOS PECADOS

Nossa salvação repousa e se sustenta sobre o fundamento da remissão dos pecados. Esta remissão é em efeito a porta para aproximar-nos a Deus, e o médio que nos retém e nos guarda em seu Reino.

Toda a justiça dos fiéis se resume na remissão dos pecados. Pois esta justiça não se obtém por mérito algum, senão pela só misericórdia do Senhor.

Oprimidos, afligidos e confundidos pela consciência de seus pecados, os fiéis se sentem humilhados pelo sentimento do juízo de Deus, se sentem desgostados, gemem e trabalham como sob uma pesada carga e, por este ódio ao pecado e esta confusão, mortificam sua carne e tudo o que provém deles mesmos.

Para ter gratuitamente a remissão dos pecados, Cristo mesmo a comprou pagando-a ao preço de seu próprio sangue. Somente neste sangue devemos buscar a purificação de nossos pecados e sua reparação.

É-nos ensinado, pois, a acreditar que a generosidade de Deus e o mérito da intercessão de Jesus Cristo nos outorgam a remissão dos pecados e a graça para nós, que fomos chamados e enxertados no corpo da Igreja. Em nenhuma outra parte nem por nenhum outro médio nos foi dada a remissão dos pecados, pois fora desta Igreja e desta comunhão dos santos não existe salvação.

CREIO NA RESSURREIÇÃO DA CARNE E NA VIDA ETERNA, AMÉM.

Em primeiro lugar nos é ensinado aqui a esperar a ressurreição futura. Em virtude do mesmo poder com que ressuscitou a seu Filho dentre os mortos, o Senhor chamará a uma nova vida, fora do pó e da corrupção, à carne dos que morreram com anterioridade ao dia do grande Juízo. Os que se encontrem então com vida passarão à nova vida por uma repentina transformação, mas bem que pela forma ordinária da morte.

As palavras vida eterna se agregam para distinguir o estado dos bons daquele dos maus. A ressurreição, de fato, será comum para uns e outros, mas conduzirá a estados diferentes. Nossa ressurreição será tal que, uma vez ressurretos de corrupção para incorrupção, de morte para vida, e glorificados em nosso corpo e em nossa alma, o Senhor nos receberá na eterna bem-aventurança, sem possibilidade alguma de mutação e de corrupção.

Teremos uma verdadeira e completa perfeição de vida, de luz e de justiça, já que estaremos unidos inseparavelmente ao Senhor, que contém em si precisamente, como fonte que não pode esgotar-se, toda a plenitude.

Esta bem-aventurança será o Reino de Deus; esse Reino cheio de luz, de alegria, de felicidade e de plenitude. Estas realidades estão agora muito longe do conhecimento dos homens, e as vemos somente como num espelho e de uma forma confusa, até que chegue o dia em que o Senhor nos concederá ver sua glória face a face.

Pelo contrário, os réprobos e os maus que não procuraram nem honraram a Deus com uma autêntica e viva fé, não terão parte em Deus nem em seu Reino. Serão lançados na morte eterna e na corrupção incorruptível, com todos os demônios. E longe de toda alegria, de toda plenitude e de todos os outros bens do Reino celestial, condenados a trevas perpétuas e a eternos sofrimentos, se verão roídos por um verme que nunca morrerá e queimados por um fogo que nunca apagará.

10. QUE É A ESPERANÇA?

Se a fé (tal como a temos entendido) é uma persuasão certa da verdade de Deus, a qual não pode mentir-nos nem enganar-nos, não pode ser vã ou falsa, aqueles que têm esta certeza esperam com uma mesma seguridade a realização por Deus de suas promessas. Para eles, estas promessas não podem menos que ser verídicas.

Deste modo, a esperança não é senão a espera firme das coisas que a fé acredita que foram prometidas por Deus com toda verdade.

A fé crê que Deus é verídico; a esperança espera que Ele manifeste sua veracidade no tempo oportuno.

A fé crê que Deus é nosso Pai; a esperança conta com que se comportará sempre conosco como tal.

A fé crê que a vida eterna já nos foi entregue; a esperança espera o dia em que esa vida eterna será revelada.

A fé é o fundamento sobre o qual descansa a esperança; a esperança alimenta e sustenta a fé.

E do mesmo modo que ninguém pode aguardar nem esperar nada de Deus sem antes crer em suas promessas, assim também é necessário que a debilidade de nossa fé, a qual não deve desfalecer, seja sustentada e conservada por uma esperança e uma espera perseverantes.

QUARTA PARTE DA ORAÇÃO

1. NECESSIDADE DA ORAÇÃO

Aquele que tem sido devidamente instruído na verdadeira fé percebe, por um lado, sua extrema pobreza, carência de bens espirituais e sua incapacidade total para salvar-se. Daí que para encontrar ajuda e sair de sua miséria busque auxílio fora de si mesmo.

Por outro lado, contemplo o Senhor —quem generosamente e de boa vontade se oferece em Jesus Cristo, e nEle abre todos os tesouros celestiais—, a fim de que sua fé se centralize no Filho bem-amado e nEle repouse e produza raízes toda sua esperança.

É, pois, necessário que o homem se volte a Deus para pedi-lhe, por meio da oração, aquilo que só Ele possui.

Caso de não invocar e orar a Deus —quando sabemos que Ele é o Senhor, de quem todos os bens provêm, e que Ele mesmo nos convida a que lhe peçamos tudo o que precisamos—, viríamos a sermos como aquele que, conhecendo onde há um tesouro escondido, por negligência e para poupar-se o trabalho de desenterrá-lo, o deixa ali esquecido.

2. SENTIDO DA ORAÇÃO

Já que a oração é uma espécie de comunicação entre Deus e nós, pela qual expomos ante Ele nossos desejos, nossas alegrias e nossas queixas —em resumo: todos os movimentos de nosso coração—, devemos procurar, cada vez que invocamos o Senhor, descer até o

mais profundo de nosso coração, para dirigir-nos a Ele desde essa profundidade e não tão só desde a garganta ou desde a boca.

É certo que a língua serve para a oração e faz que o espírito esteja mais atento ao pensamento de Deus; e precisamente porque está chamado a exaltar a glória de Deus, este membro do corpo deve estar ocupado, juntamente com o coração, em meditar na bondade de Deus. mas não esqueça tampouco que por boca do Profeta, o Senhor pronunciou castigo sobre todos aqueles que o honram com seus lábios mas cujo coração e vontade estão longe dEle.

Se a verdadeira oração deve ser um simples movimento de nosso coração para Deus, é necessário que afastemos de nós qualquer pensamento sobre nossa própria glória, qualquer idéia de dignidade e a mais mínima confiança em nós mesmos. Por isso por profeta nos exorta a orar, não segundo a nossa justiça, senão segundo a imensa misericórdia do Senhor, para que nos escute por amor de Si mesmo, já que seu Nome foi invocado sobre nós.

Este conhecimento de nossa miséria não deve de modo algum impedir que nos aproximemos de Deus. A oração não nos foi dada para que nos levantemos com arrogância ante Deus, nem para enaltecer nossa dignidade, senão para confessar nossa miséria, gemendo como filhos que apresentam suas queixas a seu pai. Ao contrário, este sentimento deve ser para nós um incentivo que nos inste a orarmos cada vez mais.

Existem dois motivos que devem impulsionar-nos com força a orar: em primeiro lugar o mandado de Deus que nos ordena fazê-lo, e em segundo lugar a promessa com que nos assegura que receberemos o que lhe peçamos.

Os que invocam a Deus e oram, recebem um consolo especial, pois obrando assim sabem que realizam uma coisa agradável a Deus. Apoiados na promessa, têm além disso a certeza de serem ouvidos. *"Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á"*, diz o Senhor (Mateus 7:7, ACF), e continua: *"E invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás"* (Salmo 50:15, ACF).

Nesta última passagem, implica duas classes de oração: a invocação (ou prece) e a ação de graças. Na prece descobrimos ante Deus os desejos de nosso coração. Pela ação de graças reconhecemos seus benefícios a nosso favor. E nós temos que utilizar assiduamente uma e outra, pois nos vemos acoitados por tão grande pobreza e necessidade que ainda os melhores devem suspirar, gemer e invocar continuamente o Senhor com toda humildade. E por outra parte, é tão

grande a generosidade que o Senhor em sua bondade nos prodigaliza, tão excelsas por toda parte as maravilhas de suas obras, que sempre encontraremos motivo para louvá-lo e tributá-lhe ações de graças.

3. A ORAÇÃO DO SENHOR

Nosso Pai misericordioso não somente nos mandou que oremos, e nos exorta para que o busquemos em todas as circunstâncias, senão que, vendo também que não sabemos o que devemos pedir e o que necessitamos, quis ajudar-nos em nossa ignorância e Ele mesmo supriu o que nos faltava. E assim recebemos de sua bondade uma especial consolidação ao ensinar-nos a orar com as palavras de sua própria boca. Daí que o que lhe pedimos não é desatinado, extravagante ou dito fora de tempo. Esta oração que Ele nos deu e prescreveu, compreende seis partes: as três primeiras se referem particularmente à glória de Deus, que é o que sempre devemos ter na frente ao pronunciá-las, sem levar em conta o que se refere a nós; as outras três concernem a nós e a nossas necessidades, mas ainda a glória de Deus que buscamos nas três primeiras petições redundante para nosso próprio bem. Porém, também nas três últimas petições as coisas que necessitamos as pedimos, acima de tudo, para a glória de Deus.

PAI NOSSO QUE ESTÁS NOS CÉUS

A primeira regra em toda oração consiste em apresentar-se a Deus em nome de Cristo, pois neste nome ninguém pode ser-lhe desagradável.

Ao chamar a Deus de Pai nosso, já pressupomos o nome de Cristo.

Mais ninguém no mundo é digno de apresentar-se a Deus e de aparecer perante seu rosto. Este bom Pai celestial, para livrar-nos de uma confusão que inevitavelmente nos turbaria, nos deu como mediador e intercessor a seu Filho Jesus. Detrás dos passos de Jesus podemos aproximar-nos a Ele confiadamente, tendo plena certeza de que não será rejeitado nada do que peçamos em nome deste Intercessor, pois o Pai não pode negá-lhe nada.

O trono de Deus não é só um trono de Majestade, senão também um trono de graça, ante o qual podemos, em nome de Jesus, ter o privilégio de comparecer livremente para obtermos misericórdia e acharmos graça quando a necessitemos. De fato, como temos o mandamento de invocar a Deus, e a promessa de que todos os que o invocar serão ouvidos, temos também o mandamento concreto de

invocá-lo em nome de Cristo, e nos foi feita a promessa de que obteremos tudo o que pedirmos em seu nome.

O agregar que Deus, nosso Pai, está nos céus, tem como finalidade expressar sua Majestade inefável (a qual nosso espírito, a causa de sua ignorância, não pode compreender de outro modo), pois para nossos olhos não existe realidade mais bela e mais grandiosa que o céu.

A expressão nos céus quer dizer que Deus é excelso, poderoso e incompreensível. E quando ouvimos esta expressão devemos elevar nossos pensamentos, cada vez que se menciona a Deus, a fim de não imaginar a este respeito nada de carnal nem terreno, nem medi-lo segundo nossa compreensão, nem regulamentar sua vontade segundo nossos desejos.

SANTIFICADO SEJA TEU NOME

Mencionar a Deus é tributar aquele louvor com o qual nós o honramos por suas virtudes, ou seja: pela sua sabedoria, sua bondade, seu poder, sua justiça, sua verdade, sua misericórdia.

Pedimos, pois, que a Majestade de Deus seja santificada por suas virtudes. Não é que possa aumentar ou diminuir em si mesma, senão que deve ser tida como santa por todos, deve ser reconhecida e enaltecida; devemos considerar como gloriosas —pois assim são— todas as ações de Deus, faça o que fizer. De modo que se Deus castiga, ainda nisto devemos considerá-lo justo; se perdoar, devemos considerá-lo misericordioso; ao cumprir suas promessas, devemos considerá-lo veraz. E já que sua glória se reflete em todas as coisas e brilha nelas, é necessário que ressoem seus louvores em todos os espíritos e por todas as línguas.

VENHA O TEU REINO

O Reino de Deus se manifesta ali onde Deus, por meio de seu Espírito, governa e dirige aos seus, a fim de mostrar, em todas suas obras, as riquezas de sua bondade e misericórdia. A vinda do reino se atualiza também ao lançar Deus no abismo os réprobos que não se submetem a seu domínio, e confundi-los em sua arrogância, a fim de que se manifeste plenamente que nenhum poder pode resistir o seu.

Pedimos, pois, que venha o Reino de Deus, ou seja: que o Senhor multiplique dia após dia o número de fiéis que enaltecem sua glória por todas suas obras, e que reparta mais amplamente a afluência de suas graças sobre eles, a fim de que, vivendo e reinando cada vez mais neles, em união perfeita, os encha de plenitude.

Também pedimos que Deus faça brilhar cada dia mais com novos resplendores sua luz e sua verdade para dissipar e abolir a Satanás e suas mentiras e as trevas de seu reino.

Ao pedirmos que venha o Reino de Deus, pedimos que venha a revelação de seu juízo, naquele dia em que somente Ele será exaltado e será todo em todos, depois de reunir e receber os seus na glória, e depois de ter arrasado e destruído o reino de Satanás.

SEJA FEITA TUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Pedimos aqui que Deus governe e dirija tudo sobre a terra segundo a sua vontade, como faz no céu; que dirija todas as coisas para o fim que lhe parecer bom, servindo-se de todas suas criaturas segundo lhe apraz, e dominando todas as vontades.

Ao pedirmos isto, renunciamos a todos nossos desejos próprios, submetendo e consagrando ao Senhor tudo o que há disponível em nós, e pedindo-lhe que conduza as coisas não segundo nossos desejos, senão como quiser e decidir Ele.

Deste modo lhe pedimos não só que nossos desejos sejam feitos vãos e sem nenhum efeito quando se opõem a sua vontade, senão que crie em nós um espírito e um coração novos, mortificando os nossos de modo tal que não surja neles nenhum desejo sem o completo consentimento de sua vontade.

Em resumo: pedimos não desejarmos nada a não ser o que o Espírito deseje em nós, e que por meio de sua inspiração aprendamos a amar tudo quanto lhe é grato, e a odiar e detestar tudo o que lhe desagrada.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DÁ HOJE

Pedimos aqui, de um modo geral, tudo o que dentre as coisas deste mundo é útil para o cuidado de nossa existência; não só o alimento e o vestido, senão tudo o que Deus sabe que necessitamos para que possamos comer nosso pão em paz. Para dizê-lo brevemente: nos acolhemos com esta petição à providência do Senhor, e nos confiamos a sua solicitude para que nos alimente, cuide e conserve. Pois este bom Pai não tem em menos guardar com solicitude inclusive o nosso corpo. Deste modo, exercita nossa confiança nEle até nos menores pormenores, fazendo que esperemos dEle tudo o que nos é necessário: até a última migalha de pão ou gota d'água. Ao dizer: Dá-nos hoje nosso pão cotidiano, provamos que não devemos desejar mais que o

que necessitamos para o dia, com a confiança que, depois de alimentar-nos hoje, nosso Pai também o fará amanhã.

Ainda no caso de viver atualmente em abundância, sempre devemos pedir nosso pão cotidiano, reconhecendo que nenhum meio de existência tem sentido senão em quanto que o Senhor o faz prosperar e aproveitar com sua bênção. Pois o que possuímos não é nosso senão na medida em que Deus nos concede seu uso hora após hora e nos faz participar de seus bens. Ao dizer "pão nosso", a bondade de Deus se manifesta ainda mais, fazendo nosso o que por nenhum título nos era devido. Finalmente, ao pedir que nos seja dado este pão, significamos que tudo o que adquirimos —ainda o que achamos que ganhamos com nosso trabalho—, é puro e gratuito dom de Deus.

PERDOA NOSSAS DÍVIDAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS OS NOSSOS DEVEDORES

Pedimos agora que se nos conceda graça e remissão de nossos pecados, pois são necessárias a todos os homens sem exceção alguma.

Chamamos de dívidas as nossas ofensas, pois devemos a Deus a pena como pagamento das mesmas, e não poderíamos de modo algum satisfazer por elas se não estivéssemos absolvidos por essa remissão que é um perdão gratuito de sua misericórdia.

E pedimos que nos seja dado o perdão como nós o damos aos nossos devedores, quer dizer: como nós perdoamos àqueles que nos magoaram de algum modo, que nos ofenderam com atos, ou que nos injuriaram com palavras. Não se trata aqui de uma condição que se agrega, como se merecêssemos, pelo perdão que concedemos a outrem, que Deus no-lo dê a nós. Senão que é uma prova que Deus nos propõe para testemunhar que o Senhor nos recebe em sua misericórdia com a mesma certeza que nós temos em nossas consciências de sermos misericordiosos com os outros, se é que nosso coração está também purificado de todo tipo de ódio, inveja e vingança.

Ao contrário, por esta prova ou sinal, Deus apaga do número de seus filhos àqueles que, deixando-se levar pela vingança e recusando-se a perdoar, mantêm suas inimizades arraigadas em seus corações. Que não pretendam os tais invocar a Deus como Pai deles, pois a indignação que abrigam a respeito dos homens cairá então sobre eles.

E NÃO NOS DEIXES CAIR NA TENTAÇÃO, MAS LIVRA-NOS DO MAL, AMÉM.

Não pedimos aqui não ter que sofrer nenhuma tentação. Temos grandíssima necessidade de que as tentações nos despertem, estimulem e sacudam, pois corremos o perigo de converter-nos em seres amorfos e preguiçosos se permanecermos numa calma excessiva. Cada dia o Senhor prova seus escolhidos, adestrando-os por meio da ignomínia, a pobreza, a tribulação e outras classes de cruces.

Porém nossa demanda consiste em pedir que o Senhor nos dê também, ao mesmo tempo que as tentações, o meio de sair delas, para não sermos vencidos e esmagados; antes, fortalecidos com a força de Deus, poder manter-nos constantemente contra todos os poderes que nos assaltam.

Mais ainda: uma vez salvaguardados e protegidos por Ele, santificados com as graças de seu Espírito, governados pela sua direção, seremos invencíveis contra o Diabo, a morte e toda classe de artifício do inferno —que é o que significa estarmos livres do mal u do Maligno.

Devemos perceber como quer o Senhor que nossas orações estejam conformes à regra do amor, pois não nos ensina a pedir cada um para si o que é bom, sem olharmos para o nosso próximo, senão que nos ensina a preocupar-nos pelo bem de nosso irmão como do nosso próprio.

4. PERSEVERAR NA ORAÇÃO

Para terminar, devemos observar que não podemos pretender ligar a Deus a alguma circunstância, da mesma forma que nesta oração dominical nos ensina a não submetê-lo a nenhuma lei nem impor-lhe nenhuma condição.

Antes de dirigi-lhe em nosso favor alguma oração, dizemos primeiramente: "Seja feita a tua vontade". Deste modo submetemos de antemão nossa vontade à dEle para que, detida e retida como por uma brida, não tenha a presunção de querer submetê-lo ou dominá-lo.

Se, uma vez educador nossos corações nesta obediência, nos deixarmos governar pelo bom querer da divina providência, aprenderemos com facilidade a perseverar na oração e a esperar no Senhor com paciência, rejeitando a realização de nossos desejos até que soe a hora de sua vontade. Estaremos também seguros de que, ainda que às vezes possa parecer-nos outra coisa, Ele está sempre presente junto de nós, e que a seu devido tempo manifestará que jamais fez ouvidos surdos a nossas orações, embora segundo o juízo dos homens tenha podido parecer que as menosprezava.

Finalmente, se depois de uma longa espera, inclusive nossos sentidos não chegam a captar de que nos tem servido orar, nem percebem fruto algum de nossa oração, nossa fé contudo nos garantirá o que nossos sentidos não podem perceber: que conseguimos tudo o que era necessário. Pela fé possuiremos então abundância na necessidade e consolo na dor. De fato, embora tudo nos falte, Deus jamais nos abandonará, pois não pode frustrar a espera e a paciência dos seus; e Ele sozinho substituirá todas as coisas, já que contém em si mesmo todos os bens, o qual nos revelará totalmente no futuro.

QUINTA PARTE DOS SACRAMENTOS

1. NECESSIDADE DOS SACRAMENTOS

Os sacramentos foram instituídos para exercitar a nossa fé tanto diante de Deus como ante os homens.

Ante Deus exercitam a nossa fé confirmando-a na verdade de Deus. o Senhor conhece, em efeito, que para a ignorância de nossa carne é útil propor-lhe os mistérios excelsos e celestiais sob a forma de realidades visíveis. Não é que estas qualidades estejam na natureza das coisas que nos são propostas nos Sacramentos, senão que a Palavra de Deus as marca com este significado. A promessa compreendida na Palavra precede sempre; o sinal se agrega para confirmar e selar esta promessa, e a faz mais segura, pois o Senhor vê que isto convém a nossas pobres aptidões. Nossa fé é tão pequena e tão fraca que se não estiver sustentada por todas partes e escorada por toda classe de médios, fica logo quebrantada, agitada e vacilante.

Ante os homens, os Sacramentos exercitam a nossa fé, já que se manifesta numa confissão pública e deste modo é impelido a louvar ao Senhor.

2. QUE É UM SACRAMENTO

O sacramento é um sinal externo por meio do qual o Senhor representa e nos testemunha sua boa vontade para conosco, para sustentar nossa débil fé.

De modo mais breve e mais claro: Sacramento é um testemunho da graça de Deus que se manifesta por meio de um sinal exterior.

A Igreja cristã só reconhece dois Sacramentos: o Batismo e a Ceia.

3. O BATISMO

Deus nos deu o Batismo, primeiro para servir nossa fé nEle, e depois para servir a nossa confissão ante os homens.

A fé olha para a promessa pela que o Pai misericordioso nos oferece a comunhão com seu Cristo para que, revestidos dEle, participemos de todos seus bens.

O Batismo representa em particular duas coisas: a purificação que obtemos pelo sangue de Cristo, e a mortificação de nossa carne que obtivemos por sua morte.

O Senhor mandou que os seus se batizem para remissão dos pecados. E São Paulo ensina que Cristo santifica pela Palavra de vida e purifica pelo Batismo de água a Igreja da qual Ele é o Esposo. São Paulo ensina também que somos batizados na morte de Cristo sendo sepultados em sua morte para andar em novidade de vida.

Isto não quer dizer que a água seja a causa, nem sequer o instrumento da purificação e da regeneração, senão só que recebemos neste Sacramento o conhecimento de estes dons. Se diz que recebemos, obtemos e confessamos o que acreditamos que o Senhor nos dá, já seja que conheçamos estes dons pela primeira vez ou que, conhecendo-os de antes, nos persuadamos deles com maior certeza.

O Batismo serve também a nossa confissão diante dos homens, pois é um sinal pelo qual, publicamente, fazemos profissão de nosso desejo de formar parte do povo de Deus, para servir e honrar a Deus numa mesma religião com todos os fiéis.

E por quanto a aliança do Senhor conosco é principalmente confirmada pelo Batismo, por isso com toda razão batizamos também os nossos filhos, pois participam da aliança eterna pela que o Senhor promete que será não só nosso Deus, senão também o de nossa descendência.

4. A CEIA DO SENHOR

A promessa que acompanha o mistério da Ceia aclara com evidência por que tem sido instituído e a que fins tende.

Este mistério nos confirma que o corpo do Senhor tem sido entregado por nós numa única vez, e isto de modo tal que agora é nosso e o será também perpetuamente; pois o sangue do Senhor foi derramado por nós uma única vez e de modo que Ele será sempre nosso.

Estes sinais são o pão e o vinho, sob os quais o Senhor nos apresenta a verdadeira comunhão de seu corpo e de seu sangue. E

esta uma comunhão espiritual, para a qual bastam os laços do Espírito Santo, já que não requer a presença de sua carne sob o pão, ou a de seu sangue sob o vinho. Pois ainda que Cristo, elevado para o céu, deixou esta morada terrena na que nós estamos ainda como peregrinos, contudo nenhuma distância pode diminuir seu poder com o qual alimenta os seus de si mesmo, e lhes concede, ainda estando distanciados dEle, desfrutar de sua comunhão de um modo muito íntimo.

E isto no-lo ensina o Senhor na Ceia de um modo tão verdadeiro e manifesto que devemos possuir, sem a mais mínima dúvida, a plena certeza de que Cristo nos é apresentado ali com todas suas riquezas, com maior realidade que se o vissem os nossos olhos, e os toucassem nossas mãos.

O poder e a eficácia de Cristo é tão grande que não só outorga na Ceia a nossos espíritos uma confiança segura na vida eterna, senão que além da certeza da imortalidade de nossa carne; pois está já vivificada com sua carne imortal e participa, de alguma forma, de sua imortalidade. Por isso o corpo e o sangue estão representados sob o pão e o vinho, para que aprendamos não só que são nossos, senão que também são vida e alimento. Assim, quando vemos o pão consagrado em corpo de Cristo, devemos pensar imediatamente nesta semelhança; assim como o pão alimenta e conserva a vida de nosso corpo, assim também o Corpo de Cristo é o alimento e a proteção de nossa vida espiritual. E quando se nos apresenta o vinho como símbolo de seu sangue, devemos também considerar que recebemos espiritualmente do sangue de Cristo os mesmos benefícios que proporciona o vinho ao corpo.

E assim, do mesmo modo que este mistério nos ensina quão grande é a generosidade divina conosco, da mesma maneira nos insta também a não sermos ingratos ante uma bondade tão manifesta, exortando-nos a louvá-la como convém e a celebrá-la com ações de graças.

Finalmente, este Sacramento nos exorta a unir-nos uns com outros do mesmo modo que se unem entre si os membros de um mesmo corpo. Nenhum incentivo mais poderoso e mais eficaz se nos podia dar para promover e excitar entre nós uma mútua caridade como o de que Cristo, ao dar-se a nós, nos convida só com seu exemplo a dar-nos e consagrar-nos uns aos outros, senão que, fazendo-se comum a todos, nos faz também a todos um em si mesmo.

SEXTA PARTE

DA ORDEM NA IGREJA E NA SOCIEDADE

1. OS PASTORES DA IGREJA E SUA AUTORIDADE

Como o Senhor quis que sua Palavra e seus Sacramentos nos fossem ministrados por ministério de homens, é co que haja pastores ordenados nas igrejas, para ensinar ao povo, em público e em privado, a pura doutrina; para ministrar os Sacramentos; e para dar a todos bom exemplo com uma vida pura e santa.

Aqueles que desprezam esta disciplina e esta ordem, ofendem não só os homens senão a Deus. como sectários se afastam da sociedade da Igreja, que não pode subsistir sem este ministério. Tem muita importância o que testemunhou uma vez o Senhor: quem recebe os pastores que Ele envia, o recebe a Ele mesmo; e igualmente que os rechaça, o rechaça a Ele. E para que seu ministério fosse inconcluso, os pastores receberam o mandamento singular de amarrar e desamarrar, com a seguinte promessa: *"e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus"* (Mateus 16:19, ACF). Cristo precisa em outro lugar que ligar é reter os pecados, e que desligar é remiti-los. E o apóstolo declara como se desliga, quando ensina que o Evangelho é *"poder de Deus para salvação de todo aquele que crê"* (Romanos 1:16, ACF); e como se liga, quando ensina que os apóstolos estão *"prontos para vingar toda desobediência"* (2 Coríntios 10:6, ACF). A soma do Evangelho é que somos escravos do pecado e da morte, que fomos liberados e desligados dEle pela redenção que há em Jesus Cristo, e que aqueles que não o recebem como Redentor estão sujeitos de nov aos laços de uma mais severa condenação.

Lembremos contudo que a autoridade que a Escritura atribui aos pastores está contida toda ela nos limites do ministério da Palavra; pois Cristo, a dizer verdade, não deu esta autoridade aos homens, senão à Palavra da qual fez servidores a esses homens.

Atrevam-se, pois, os ministros da Palavra a tudo com ousadia por esta Palavra da qual foram nomeados dispensadores. Obriguem a todos os poderes, glórias e dignidades do mundo a humilhar-se para obedecer a majestade desta Palavra; governem a todos em virtude desta Palavra, desde os maiores até os mais pequenos; edifiquem a casa de Cristo, destruam o reino de Satanás, apascentem as ovelhas,

afastem os lobos, instruem e exortem os dóceis, acusem, repreendam e convençam os rebeldes; porém tudo através da Palavra de Deus.

Se alguma vez se afastam desta Palavra para seguirem seus sonhos e as invenções de sua mente, então não devemos recebê-los por mais tempo como pastores; são antes bem lobos ferozes que é necessário expulsar. Pois Cristo nos mandou ouvir somente aos que nos ensinam o que tiraram de Sua Palavra.

2. AS TRADIÇÕES HUMANAS

São Paulo nos deu esta regra geral para a vida das igrejas: *"faça-se tudo decentemente e com ordem"* (1 Coríntios 14:40, ACF).

Não devemos, pois, considerar como tradições humanas as disposições que servem de vínculo para a conservação da paz e da concórdia, e para o mantimento da ordem e da honestidade na assembléia cristã. Estas disposições estão de acordo com a regra do apóstolo, com tal que não sejam consideradas como necessárias para a salvação, nem liguem as consciências à religião, nem se incluam no serviço de Deus, nem sejam objeto de qualquer classe de piedade.

Ao contrário, devemos rejeitar energicamente as disposições consideradas como necessárias para o serviço e honra de Deus que, com o nome de leis espirituais, se estabelecem para ligar as consciências. Este tipo de disposições não só destroem a liberdade que Cristo nos conseguiu, senão que escurecem a verdadeira religião e violam a Majestade de Deus, quem quer reinar Ele sozinho, por sua Palavra, em nossas consciências.

Que fique, pois, bem claro e bem estabelecido que tudo é nosso, mas que nós somos de Cristo. E que se serve a Deus em vão quando se ensinam doutrinas que são unicamente dos homens.

3. DA EXCOMUNHÃO

Por meio da excomunhão se afasta da companhia dos fiéis, segundo o mandado de Deus, àqueles que são abertamente libertinos, adúlteros, glutões, bêbados, sediciosos ou dilapidadores, se não se corrigirem depois de terem sido admoestados.

Ao excomungá-los, não pretende a Igreja lançá-los numa ruína irremediável nem no desespero, senão que condena sua vida e seus costumes, e os adverte que certamente serão condenados se não se corrigir.

Esta disciplina é indispensável entre os fiéis, pois a Igreja é o Corpo de Cristo e não deve ser maculada e contaminada por estes membros

fedorentos e podres que desonram a seu Chefe. O contato freqüente com estes malvados não deve corromper e estragar os santos, como acontece às vezes. Do resto, o castigo de sua maldade aproveita os mesmos malvados, enquanto que a tolerância os tornaria mais obstinados. Ao sentir-se confundidos por esta vergonha, aprendem a corrigir-se.

Se os maus se emendam, a Igreja os recebe de novo com doçura em sua comunhão e na participação desta unidade da qual tinham sido excluídos.

Para que ninguém menospreze obstinadamente o juízo da Igreja, nem se mostre indiferente, à condenação ditada pela sentença dos fiéis, o Senhor testemunha que o juízo dos fiéis não é senão a manifestação de sua própria sentença, e que o que eles pronunciam na terra é ratificado nos céus. É a palavra de Deus que dá o poder de condenar os perversos, do mesmo modo que dá o de receber em graça os que se corrigem.

4. OS MAGISTRADOS

O Senhor não só declarou que aprova o cargo dos magistrados e que lhe resulta agradável, senão que além disso o elogia calorosamente, e honra a dignidade dos magistrados com formosos títulos de honra.

O Senhor afirma que são obra de sua Sabedoria: *"Por mim reinam os reis, e os príncipes decretam o que justo. Por mim governam os príncipes e os nobres, sim, todos os juizes da terra"* (Provérbios 8:15-16, PJFA).

No livro dos Salmos, os chama deuses, pois fazem sua obra. Em outro lugar se nos diz que eles exercem sua justiça por delegação de Deus e não dos homens.

E são Paulo cita, entre os dons de Deus, os superiores. Não obstante, no capítulo 13 da Epístola aos Romanos, são Paulo expõe mais claramente que a autoridade dos magistrados provém de Deus, e que são ministros de Deus para aprovar os que realizam o bem e para exercer a vingança de Deus sobre aqueles que fazem o mal.

Os príncipes e os magistrados devem, pois, lembrar de Quem são servidores quando cumprem seu ofício, e não fazer nada que seja indigno de ministros e lugar-tenentes de Deus. a primeira de suas preocupações deve ser a de conservar, em sua verdadeira pureza, a forma pública da religião, conduzir a vida do povo com boas leis, procurar o bem, a tranqüilidade pública e doméstica de seus súbditos.

E tudo isto o poderá conseguir somente pelos meios que o Profeta recomenda em primeiro lugar: a justiça e o juízo. A justiça consiste em proteger o inocentes, mantê-los, guardá-los e libertá-los.

O juízo consiste em resistir a audácia dos maus, reprimir a violência e castigar os crimes.

Em troca, o dever dos súbditos consiste não só em honrar e reverenciar seus superiores, senão em pedir ao Senhor, através da oração, sua salvação e sua prosperidade; submeter-se também de boa vontade a sua autoridade, obedecer suas leis e constituições, e não recusar as cargas que lhes forem impostas: direitos, contribuições, impostos, serviços civis, vitórias e outras.

Não só devemos obediência aos magistrados que exercem sua autoridade segundo direito e conforme a suas obrigações, senão que temos também que suportar os que abusam tiranicamente de seu poder, até que sejamos livrados de seu jugo. Pois se um bom príncipe é um testemunho da bondade divina em ordem à salvação dos homens, um mal e perverso príncipe é um açoite de Deus para castigar os pecados do povo. Do resto, devemos ter como certo, em geral, que Deus dá a autoridade a uns e outros, e que não podemos opor-nos a eles sem opor-nos à ordem de Deus.

Contudo deve fazer-se sempre uma exceção, quando se fala da obediência devida às autoridades, a saber: que esta obediência não deve afastar-nos da obediência dAquele cujos mandados devem antepor-se aos de todos os reis. O Senhor é o Rei de reis e todos devem escutar a Ele sozinho, pois Ele falou por sua santa boca, e a Ele se deve ouvir antes que ninguém.

Enfim, tão só em Deus estamos submetidos aos homens que foram colocados sobre nós. E se nos mandam algo contra o Senhor, não devemos fazer nenhum caso, senão antes bem pôr em prática esta máxima da Escritura: *"Importa antes obedecer a Deus que aos homens"* (Atos 5:29, PJFA).

AUTOR: Juan Calvino

SITE: www.iglesiareformada.com

CÓPIA: segunda-feira, 28 de janeiro de 2008, 13:46:03

**Tradução do espanhol realizada por Daniela Raffo,
Terminada em sexta-feira, 21 de março de 2008, 21:08:48**

NOTA DA TRADUTORA:

Todas as citações bíblicas foram extraídas das versões:

ACF: Almeida Corrigida e Revisada, Fiel ao Texto Original

PJFA: João Ferreira de Almeida Atualizada

Esses textos aparecerão em itálico. Os textos bíblicos que não estão em itálico nem com a indicação de sua fonte, foram traduzidos diretamente do texto original espanhol.